

Onde ponho a minha tenda? Com quem?

NA CONSTRUÇÃO DO AMOR: Construindo uma obra prima

« Aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. »

(Mt 7,24)

Construir uma casa, ou uma tenda, é uma metáfora afortunada sobre o que significa construir sua própria vida. Por esta razão, o importante é onde colocamos a "fundação", onde colocamos a tenda colocamos a tenda Não é uma questão de técnica construtiva ou de resistência, mas a verdadeira sabedoria que olha não apenas cálculos, mas no final da vida que está sempre mais além. Nesta construção de sua própria "tenda", cada os jovem contempla dois polos indissociáveis:

- **O dom** recebido e acolhido na "escuta", as palavras do mestre que os acompanha e ajuda-os a encontrar os fundamentos da sua vida.
- **A tarefa** de "implementar". O recebido como verdadeiro ensinamento é tornar-se uma "fonte da vida" e pode permitir tirar dela uma vida abundante. Ele tem que estar preparado para entregar algum dia esse dom recebido .

A cada pessoa é confiada, nas palavras de João Paulo II ", a tarefa de ser o arquiteto da própria vida; em certo modo, você deve torná-lo uma obra de arte, uma obra-prima»^[1].

^[1] JOÃO PAULO II, *Carta aos artistas*, n.2 (4-IV-1999).

PORQUE UM MATERIAL AFETIVO-SEXUAL PARA JOVENS?

É absolutamente necessário que todos o apliquem, sempre como complemento e ajuda a missão dos pais. Deverá ser um ensinamento que leve em conta os distintos momentos da construção da personalidade em relação com a configuração da “identidade sexual” ou amadurecimento da própria sexualidade, com momentos diferenciados segundo os sexos. Se oferecerá - de uma maneira integrada e partindo da experiência dos jovens – os fundamentos humanos da **sexualidade** e o **afeto**, sobre o valor **moral** em relação com a construção da pessoa e seu sentido no **plano de Deus** (cfr. VAH, 124).



A educação afetivo-sexual, de acordo com a dignidade do ser humano, não pode reduzir-se a uma informação biológica da sexualidade humana. Tão pouco deve consistir em orientações gerais de comportamento, a mercê das estatísticas do momento. Sobre a base de uma “antropologia adequada”, como sublinhava São João Paulo II (cfr. CAH XXIII, 3-6, 02-04-1980), a educação afetivo-sexual “deve consistir na iluminação das experiências básicas que todo homem vive e que encontra o sentido de sua existência. Assim se evitará o subjetivismo que conduz o nossos jovens a julgar seus atos somente pelos sentimento que despertam, o que os torna pouco menos que incapaz de construir uma vida com a solidez das virtudes”. (VAH, 124).

Todo este programa e os materiais que comportam, são a resposta del Pontificio Conselho para a Família a *Amoris Laetitia* (cfr. 280-286).

UMA EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL “LÍQUIDA” SEM FUNDAMENTAÇÃO

Bento XVI constata uma clara realidade: “Educar nunca tem sido fácil, e hoje parece ser cada vez mais difícil. O conhecem bem os pais de família, os professores, os sacerdotes e todos os que tem responsabilidades educativas diretas. Se fala, por este motivo, de uma grande **“emergência educativa”**»^[2]. Continua apontando que vivemos imersos em “uma mentalidade e uma forma de cultura que levam a duvidar do valor da **pessoa** humana, do significado mesmo da **verdade** e do **bem**, em última instância, da bondade da vida”.



Nesta **sociedade “líquida”** (Z. Bauman), volúvel, sem bases sólidas, são evidentes as carências e grandes lacunas na educação afetivo-sexual. Não faltam ocasiões em que é sugerido aos jovens a tentação de caminhar sem direção, de construir sem se preocupar com a fundação, parar de perguntar-se pelo bem e considerar o que eles fazem bem qualquer coisa que façam. Bastaria considerar bom o fazer o que quiserem e se sentir bem fazendo isso. Envolto por um ambiente emotivista em que a pesquisa é o conteúdo que estar ciente de seu humor, muitas coisas levam a uma desorientação no final de sua vida e na eleição de suas ações. Assim, muitos jovens tornam-se seres **liderados** por outros, que aceitam as ideias e utilizam as coisas sem se preocupar em entender o seu sentido; incapaz de ler e interpretar o seu próprio afeto (**“analfabetos afetivos”**). A liberdade desaparece na **saturação de informação** que não digerem, a técnica termina dominando-os. Deste modo, esvaziados de sua interior capacidade de reflexão e valorização, acabam convertidos em uma máquina de produção..., ou de destruição, incapazes de construir uma vida e um lar.

^[2] BENTO XVI, *Carta sobre a tarefa urgente da educação a diocese de Roma*, 21-I-2008.

Esta emergência educativa se fará frente a vários **desafios** que predominam em nossa cultura e na vida social:

- **O RELATIVISMO.** Sem a verdade não podem reconhecer-se, a educação se torna impossível. A luz e a certeza da verdade são determinantes para oferecer as gerações sucessivas os significados básicos da existência. Bento XVI destaca em seu discurso na Universidade Católica de Washington: “É especialmente inquietante a redução da preciosa e delicada área da educação sexual e a gestão do 'risco', sem referência alguma à beleza do amor conjugal”

A educação da afetividade e da sexualidade não é uma técnica (reduzindo a tarefa educativa a transmissão de informações e de específicas habilidades), sem uma *verdadeira arte* que requer uma singular sabedoria que torne possível comunicar e transmitir a verdade sobre o homem e a mulher, em sua identidade e nas diferenças. E são assim porque a sexualidade e a afetividade são realidades humana que contem sua específica verdade, a verdade do amor como verdade pessoal.

- **O NIILISMO** Viver como se Deus não existisse favorece uma visão da sexualidade e a afetividade onde se perdem sua intrínseca dimensão de mistério. Porém reduzidas a simples realidades secularizadas, terminam regendo-se pelo modelo das chamadas “relações puras”. As relações puras se mantêm unicamente se ambas as partes pensam que a relação produz uma satisfação e benefício tal que cada indivíduo considera adequado continuar.

- **“NATURALISMO”.** Reduzir o homem a um simples elemento da natureza, cujo corpo é visto como uma máquina com diferentes partes unidas funcionalmente e desprovido de significados pessoais, e por isso, mero instrumento a disposição das vontades e preferências da mal entendida liberdade do sujeito individual. O bem estar hedonista se converte, assim, em critério pedagógico fundamental.

Frente a esta fundamentação “líquida”, todas as unidades pedagógicas são encaminhadas para que os jovens sejam capazes de fundamentar “sua própria obra prima” a partir da lógica do amor, ancorando-a sobre rocha.

FUNDAMENTAR NA LÓGICA DO AMOR

Frente A Esta obscuridade que desorienta e torna “líquidas” as suas vidas, existe uma **luz** neles que os permitirá abrir os olhos para encontrar um caminho por onde progredir, uns fundamentos sobre o que construir. Se trata sem dúvida da alegria que significa encontrar-se com outra imagem na qual se sintam amados que que vivam como o primeiro passo de um largo caminho. “Em vez de *informar* ao adolescente e ao jovem, deixando-os sozinhos ante os problemas que os superam, deve saber **acompanhá-los e animá-los** nestes momentos chaves de sua vida.”(FSV, 161).

Em toda educação ao amor, sempre há um grande convite para que cada um descubra algo maravilhoso. }A missão do conjunto de todas estas unidades é guiá-los para que, eles mesmos, descubram a verdade: é uma educação interior, assumida e integrada. Levá-los a verdade não é mais que um ato de amor.

A primeira exigência de toda construção é **buscar a fundamentação**, a boa ancoragem da tenda. Esta educação há de ser dirigida, portanto, a ajudar para que cada um formule *seu próprio projeto pessoal* de vida e para que adquiram a capacidade para realizá-lo. Cada um elegerá onde ancorar a sua tenda; a cada um se encomenda a tarefa de sua construção e cada um deve responsabilizar-se dos seus resultados.

O paradoxo é que não poderá encontrar em si mesmos o próprio fundamento. Há de abrir-se a *recepção* de algo interior onde apoiar-se, a suposição consciente de uma solidez que não é própria. Este fundamento o encontrará no horizonte de sentido da **vocação ao amor**. Nesta luz que orienta toda uma vida, podemos oferecer uma proposta pedagógica cristã capaz de afrontar este tríplice desafio:

- Temos de mostrar como a experiência do amor contém uma **verdade** original, pessoal e operativa. Frente a uma verdade sem amor (própria do racionalismo) e frente a um amor sem verdade (própria do romantismo), devemos insistir na verdade do amor e em seu forte dinamismo unitário.
- Temos de ser capazes de mostrar como a dimensão misteriosa e sagrada da sexualidade está **gravada no coração** de cada pessoa. O corpo é contemplado então não como um mecanismo, mas como sacramento da pessoa, um organismo vivo afetado de um significado sponsal, que convida a responder a vocação a comunhão inscrita na diferença sexual.

Que planos irão nos guiar para construir a obra prima?

**Quem nos aconselhar sobre o melhor lugar de
fundamentação?**

O PLANO DE CONSTRUÇÃO: Conhecer o plano de Deus para o Matrimônio e a Família

Os jovens devem conhecer que existe um **plano de Deus**, anterior a todo projeto humano, para cada um deles, pois a cada um elegeram e os desejou desde o princípio. Deus quer ter uma história de amor concreta com cada um deles. É preciso ajudá-los a reconhecer que não são chamados a inventar novos modelos usando sua imaginação, mas que estão sendo chamados a “ler” uma e outra vez de um modo novo e original a **verdade** do desígnio de Deus sobre eles. “Uma educação afetivo-sexual adequada exige, em primeiro lugar, cuidar da formação de toda a comunidade cristã nos fundamentos do **evangelho do matrimônio e da família.**” (VAH, 122).



Por esta razão, é necessário que aprendam a **redescobrir** a beleza do matrimônio e da família como uma vocação ao amor, vivida à luz do desígnio amoroso de Deus, pelos termos mesmos de tal desígnio, com seus sinais e seus significados próprios, se encontram ameaçados pela atual confusão. Este plano de Deus está profundamente unitário e tem os pilares fundamentais:

- **O matrimônio é um Projeto de Deus:** “No princípio... os criou homem e mulher” (Mt 19,4). A verdade do matrimônio está vinculada a verdade da pessoa humana criada como homem e mulher, e destinada a entrar na plena detenção da própria humanidade a através da comunicação recíproca do dom próprio do amor conjugal.

- **O matrimônio é o fundamento da família:** “Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, se unirá a sua mulher e serão uma só carne” (Gen. 2,24). A resposta de Cristo à verdade do Princípio revela uma novidade fundamental no desígnio de Deus: a unidade indivisível entre o matrimônio e a família. A realidade do mútuo *dom* de *si* dos esposos é o único fundamento verdadeiramente humano de uma família.

Por conseguinte, o anúncio do “**evangelho da família**” não se pode desvincular do anúncio do “**evangelho do matrimônio**” que é sua origem e sua fonte (cfr. GS, 48). Com uma educação afetivo-sexual adequada os ajudaremos a descobrir aquilo que é mais próprio do ser humano: perguntar-se pelo sentido último de seu caminho, pelo sentido do que faz e vive, pela fórmula para ser feliz. Não é exagerado pensar que com esta educação os estamos ensinando a arte mesma da vida, cuja meta é mostrar o sentido de uma vida plena.

O que luz ilumina este descobrimento pessoal?

A LUZ: Descobrir a vocação ao amor

A luz da vida é a que projeta a **vocação ao amor**. “*Deus criou o homem a sua imagem e semelhança: chamando-o a existência por amor, o chamou ao mesmo tempo ao amor*” (FC, 11). Neste “*por amor*” podem encontrar a origem e o fundamento; enquanto que o convite “*ao amor*” os indica a finalidade que terão de dar a sua vida e suas ações. Concluí este ponto da *Familiaris consortio*: **o amor** é “*a vocação fundamental e inata de todo ser humano*” é um chamado que pede uma resposta de cada um.

Somos chamados a um amor que só conhecemos por revelação e um amor capaz de *construir uma história*, que requer uma *comunidade* para fazê-los crescer, precisamente aquilo que implicitamente se nega desde uma visão emotivista.

Quando descobrimos a vocação ao amor, se nos revela a verdade do matrimônio e da família (cfr. DPF, 22). Este descobrimento é uma realidade dinâmica que se prolonga ao longo de toda a vida e que, ao mesmo tempo, implica a própria identidade do homem – todo o homem, em sua *unidade integral de um ser corpóreo espiritual* (cfr. CCE, 362-368; DCE, 2 y 5)- e a todo homem (DPF, 30).

A **vocação ao amor** nos assinala no caminho pelo que Deus nos revela seu plano de salvação. É na conjunção original dos distintos amores na família – amor conjugal, paterno filial, fraternal, de avós e netos, etc. - como a vocação ao amor encontra a causa humano a manifestar-se e desenvolver-se conformando a autêntica *identidade do homem*, filho e filha, esposo e esposa, pai e mãe, irmão e irmã (cfr. DPF, 69). Na vocação ao amor se dão *passos* para o seu pleno desenvolvimento, que estão integrados na própria história/identidade de cada um:

- Em primeiro lugar, aprender a **SER FILHOS**: *acolher o dom original* do amor com grata alegria.
- Em consequência, aprender a **SER ESPOSOS**: maturidade do *amor recebido que se entrega* e compromete.
- Por ultimo, aprender a **SER PAIS**: plenitude do *amor fecundo* na geração e educação dos filhos.

A fonte da vocação ao amor está **no amor de Deus**, o qual nos propõe compartilhar um caminho em resposta ao seu chamado, nos revela a plenitude de nossa vocação e chega a inscrevê-la em nosso próprio ser, e inclusive em nosso próprio corpo. Assim pois, este chamado ao amor está inscrito na mesma diferença sexual, a qual interpela a liberdade do homem e da mulher para que descubram como fim de sua vida a construção de uma autêntica comunhão de pessoas. Com ele se vive a sexualidade como um “modo de ser” pessoal, orientada a expressar e realizar a vocação do homem e da mulher ao amor (SH,11) Por tudo isso, há uma íntima relação de caráter moral entre a sexualidade, a afetividade e a construção no amor de uma comunhão de pessoas abertas a vida (DPF, 30), as quais devem integrar-se numa história unitária e vocacional.

Assim pois, a vocação ao amor nos leva a permitir construir nossa própria vida, “nossa tenda”, em toda a sua plenitude (cfr. DPF, 28). “Peçamos ao Senhor que nos faça entender a **lei do amor**. Como é bom ter essa lei! Quanto bem nos faz amarmos uns aos outros contra tudo!” (EG, 11).

Porém, como podemos aprender a amar desta forma?

O MÉTODO: “Aprender a construir” começar por “Aprender a amar”

Na lógica do amor com a qual queremos construir, “**ensinar a amar**” se converte na peça chave para poder realizar um projeto pessoal próprio que termine na construção de uma vida, de um “lugar”. Porém, o que é “ensinar a amar”? ^[3] Não é o amor a coisa mais espontânea e incontrolável que pode imaginar? Não se trata de algo que ocorre e sobre o que não temos nenhum poder? O que é então o amor para que tenha que decidir que deve aprender a amar?

Sim, é necessário **aprender a amar**, e todos precisamos ser ajudados neste aprendizado. Se o fim da vocação ao amor é o *dom sincero de si* por ele encontramos nossa própria identidade (cfr. GS, 24), é preciso uma educação e um conhecimento, domínio e direção do coração. **Educar ao amor** é tão necessário em nossos dias quanto a cultura ambiental estende formas degeneradas de amor que falsificam a verdade e a liberdade do homem em seu processo de personalização: são formas manchadas de *individualismo* e

[3] JUAN PABLO II, *Cruzando el umbral de la esperanza*, Plaza & Janés, Barcelona 1994, 132.

emotivismo que leva as pessoas a guiar-se pelo seu simples sentimento subjetivo e não são conscientes sequer da necessidade de *aprender a amar* (DPF, 89; cfr. FSV, 22-26). O amor é a força e o fio condutor da vida da família como educação pessoal.

A revelação da vocação ao amor de cada homem ou mulher depende em grande parte desta educação inicial ao amor que há de se realizar na família.

O LUGAR ONDE APRENDER A AMAR: A Família

A emergência educativa precisa de uma comunidade educativa como a **família**, sem dúvida, *o lugar privilegiado e inevitável* para ensinar a amar. A família é o canal onde se manifesta e vive o amor que configura a identidade pessoal. Em casa é onde cada um é querido por si mesmo, de modo incondicional. Na família se desenvolve as relações pessoais e afetivas mais significativas, chamadas a transmitir os significados básicos da sexualidade. A “unidade específica entre a graça sobrenatural e experiência humana se realiza na família, na medida em que é uma autêntica 'comunidade de vida e amor'. O **amor** é assim a força e o fio condutor da vida e da família como educação da pessoa” (DPF, 69). não são os livros nem as sessões teóricas que ensinam a amar.



Os pais são os **primeiros responsáveis** para levar a cabo esta educação da sexualidade. Hão de saber oferecer a seus filhos, num marco de confiança, as explicações adequadas a sua idade para que adquiram o conhecimento e respeito da própria sexualidade no caminho da personalização. É uma tarefa de tal importância que não pode haver *abandono* da mesma para que sejam outros os que realizem. E mais, lhes corresponde *velar* pela qualidade de toda educação sexual que recebam seus filhos em outras instâncias (cfr. DPF, 91).

Desde o marco básico fundamental da família fundada no **matrimônio** como comunidade de vida e amor, os jovens tem que aprender a **redescobrir** a beleza do matrimônio e a família como uma **vocação ao amor** vivida à luz do desígnio amoroso de Deus, com sua linguagem própria.

Que tem de especial esta gramática?, Se trata de uma linguagem especial que tem que aprender?

A LINGUAGEM: A linguagem do amor, a linguagem do corpo, a linguagem do dom

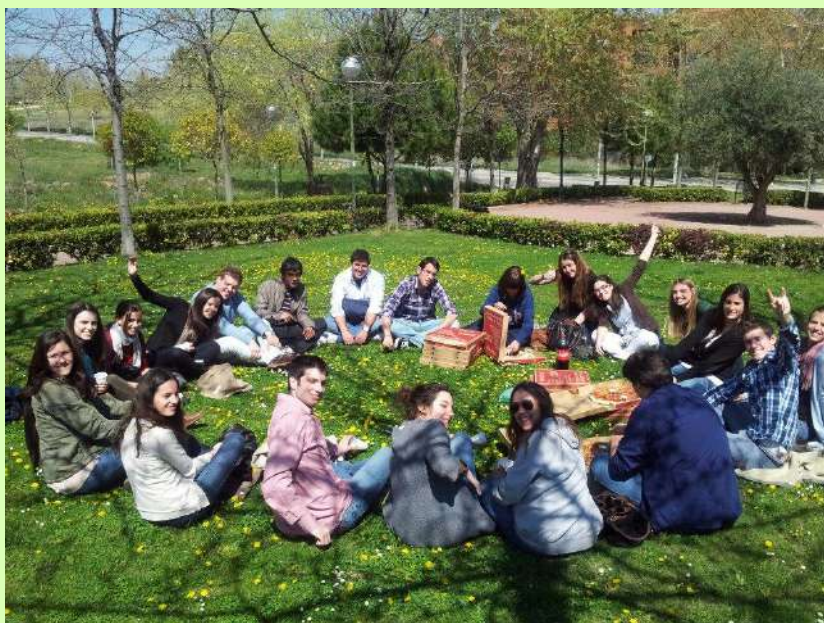
Educar o afeto implica acolher, compartilhar, comunicar, purificar, fortalecer e amadurecer a experiência do amor. Para eles é necessário aprender a **linguagem do amor**. De forma análoga a como aprendemos a falar nossa língua materna, vamos aprendendo a linguagem do amor em contato com as pessoas que mais nos amam e, deste modo, vamos nos dispondo para viver na **linguagem do dom**. Para aprender a afetividade e a sexualidade, como ocorre com a língua, também é necessário aprender a expressar, ler e escrever os afetos. Ler nossos afetos consiste em aprender a integrá-los em nossas ações. Ambas experiências estão inseparavelmente unidas: quanto mais e melhor lermos (interpretamos), melhor vamos escrevendo e redigindo (integrando), já que vai enriquecendo nosso vocabulário e somos capazes de redigir parágrafos com mais precisão e beleza, de realizar ações mais excelentes.

Este tipo de educação está estreitamente unida a pedagogia do corpo na vocação ao amor: “Descobrir a verdade e significado da **linguagem do corpo** permitirá saber identificar as expressões do **amor autêntico** e distingui-las daquelas que o falseiam” (VAH, 125).

Se este amor autêntico só encontra sua última verdade na **entrega** sincera de si mesmo aos outros para realizar a *entrega sincera da vida* (cfr. GS, 24; FC, 37), é necessário uma educação no conhecimento, domínio e direção do coração. Enquanto isto compreende a dimensão da sexualidade, a integração da mesma para que signifique e expresse um amor verdadeiro se denomina **virtude da castidade** (cfr. SH, 65-76).

A virtude da castidade é a tarefa moral de integração e direção dos afetos para que o exercício da sexualidade seja expressão dos afetos para que o exercício da sexualidade seja expressão de um amor verdadeiro dentro da construção da comunhão de pessoas que é o matrimônio e a família (cfr. DPF, 90).

Deste modo, se abre aos jovens um caminho de conhecimento de si mesmo, que, mediante a integração das dimensões implicadas na sexualidade – a inclinação natural, as respostas afetivas, a complementariedade psicológica e a decisão pessoal -, lhes levará a apreciar o dom maravilhoso da sexualidade e a exigência moral de vivê-lo em sua integridade. Se compreende em seguida que uma educação afetivo sexual autêntica não é porém uma **educação em virtude da castidade** (cfr. FC, 37; OEAH, 90-93).



Assim poderão responder de forma pessoal a vocação ao amor. No matrimônio, no sacerdócio ou na vida consagrada.